

7
8 20
9 20

RUBEM BRAGA

TRÊS NOVIDADES BOAS

PASSO hoje a palavra, orgulhosa e prazerosamente, ao comandante Paulo Moreira da Silva, chefe do Instituto de Pesquisas da Marinha:

«Rio, 4 de julho de 1968 — Meu caro Rubem Braga — Tôda vez que tomo conhecimento, por viagem, conversa ou leitura, de alguma coisa capaz de revolucionar, e, revolucionando, queimar alguma etapa em nosso moroso e claudicante progredir, sucumbo ao reflexo condicionado de confidenciá-la a você e ao Gilson Amado, ouvidos não moucos e vozes não mudas, que não calam e propalam. Trago a você, três novidades: duas que aprendi na Inglaterra, semanas atrás, a terceira, uma esperança de repercussão local.

Tirando sábio partido do «ôvo de Colombo» — a facilidade com que as crianças aprendem uma língua estrangeira, técnicos da OCDE vinculados a países africanos introduziram no currículo, geralmente inocente, e até mesmo pateta, das escolas maternas, o ensino de uma difícil, mas útil, língua estrangeira, e com tal sucesso que muito pretinho de oito anos já fala fluentemente... alemão. É uma fácil e extraordinária maneira de «valorizar» o homem desde o pós-berço. Parecerá suspeito, é fácil imaginar, a certas miopias nacionalistas, e ajunto, precavidamente, que não se trata de ensinar alemão em vez de português, mas além de português, e que nada impede, em se querendo, de ensinar, em vez de alemão ou inglês, latim...

A outra novidade é uma extraordinária experiência dos professores ingleses de matemática. Chegaram à conclusão, à luz de numerosas experiências reunidas num livro, **MATHEMATICS IN PRIMARY SCHOOLS**, Curriculum Bulletin N° 1, The Schools Council, HMSO: 10s Od net, que nada é mais estulto do que ensinar às crianças, como regras, aquilo que já sabemos (teoremas, processos, fórmulas etc.), pois a criança é um pesquisador, perfeitamente capaz de descobrir a coisa por si só (ou em grupo-

de-trabalho) se o professor mostra os instrumentos necessários. Através de um ensino ativo — em bem imaginados e baratos laboratórios de matemática — crianças inglesas de dez anos redescobrem os teoremas de Euclides, por exemplo, e existe mesmo o caso citado de um garoto que descobriu um método de traçar uma elipse.

Ora, esses conhecimentos descobertos, e não ensinados, são uma conquista do espírito enraizados no subsolo pessoal, inescqueáveis, e não tem a efemeridade dos transplantes que constituem o nosso triste ensino clássico. Dão à criança uma oportuna prelibação da volúpia divina do cientista (que, bem mais que os altos salários, os escraviza ao microscópio...) e uma inabalável segurança em face da vida. Perde, definitivamente, o medo do escuro.

Finalmente, entre nós, animada por esses exemplos, a **FUNDAÇÃO DO MAR** vai tentar, num próximo curso intitulado **APRENDA A NAVEGAR PELOS ASTROS EM DEZ LIÇÕES**, levar, por caminhos idênticos, nossos navegantes costeiros (yatchmen, pescadores, curiosos) a descobrirem, por eles próprios, como navegar pelos astros e se afastar corajosamente da costa. Eles construirão eles mesmos seus navisférios, construirão seus próprios sextantes... Será uma experiência empolgante e reveladora, estou certo; apenas temerária, por presumir que nós, adultos, conservemos resquícios da genial ingenuidade da infância sob a argamassa da educação que nos deram.

Seu (a) **PAULO MOREIRA DA SILVA**.

P. S. A sua coleção de aforismos de Shaw ajunte este primoroso, que cito de memória. Está em **MÁXIMAS PARA REVOLUCIONÁRIOS**, e diz: «Sabemos, os homens maduros, que quase tôdas as revoluções foram inúteis, e em vez de alterar as estruturas substituíram uns homens por outros. Entretanto, todo aquêlo que aos trinta anos não é revolucionário... é um cretino!»

DN - 10.7.68